

---

# **Skinheads: repensando sobre o nacionalismo radical na Rússia nos anos 1990**

Nadejda Vasilievna Soustrikova Domingues  
Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade Tuiuti do Paraná

---

---

## Resumo

Atualmente, o nacionalismo agressivo é considerado um dos problemas da Rússia contemporânea. A intolerância em relação às pessoas não-russas se manifesta de várias formas e em vários níveis da sociedade. Uma das manifestações do nacionalismo russo radical é o movimento dos skinheads. O objetivo do trabalho é analisar este movimento, utilizando a teoria construtivista.

Palavras-chave: construtivismo; nacionalismo russo; skinheads.

## Abstract

Nowadays, aggressive nationalism is considered one of the problems of contemporary Russia. The intolerance to non-Russian people is manifested in various forms and at different levels of the Russian society. One of these manifestations is the movement of radical skinheads. The objective of this paper is to analyze this movement using the constructivist theory.

**Keywords:** constructivism; Russian nationalism; skinheads.

---

---

## Introdução

No final dos anos 90 do século XX - início do século XXI, o nacionalismo tornou-se mais pronunciado na vida política e social da Rússia. A relevância deste problema é inegável, pois atualmente uma explosão de intolerância nacional ganhou uma nova força e é refletida nos partidos nacionalistas, e grupos de jovens violentos de *skinheads*.

## Construtivismo e Nacionalismo

O Construtivismo representa uma alternativa às teorias clássicas (realismo e idealismo) para explicação do Sistema Internacional. Diferentemente das perspectivas tradicionais, que acreditam na natureza pré-social dos Estados e das pessoas, a teoria construtivista afirma que a convivência social, as ideias e normas influenciam tanto a construção da realidade, quanto os agentes, suas identidades e seus interesses. Os construtivistas, analisando os valores, as culturas e ideias, dão uma margem maior para entender o Sistema Internacional e seus agentes e estrutura. (NOGUEIRA, 2005, p. 162-163).

A ideia construtivista foi originalmente introduzida por Nicolas Onuf, porém passou a ser mais conhecida após a publicação do artigo de Alexander Wendt “Anarchy is What the States Make of It” em 1992. No

---

entanto, o construtivismo não deve ser pensado como *uma* teoria, e, sim, como “um modelo de raciocínio dentro do qual podemos identificar múltiplas versões de construtivismo”. (NOGUEIRA, 2005, p.162).

Na disciplina das relações internacionais, a teoria construtivista alega que vários aspectos importantes das relações internacionais são histórica e socialmente construídos, isto é, eles se formam ao longo dos processos contínuos da interação social (mais especificamente, eles surgem da interação entre ideias e valores). Muitos construtivistas analisam as relações internacionais, olhando para as ameaças, os medos, culturas, identidades, e outros elementos da “realidade social”, como fatos sociais. A realidade é uma construção social.

Segundo Emanuel Adler, as ideias que formam as identidades e valores do Estado vêm da população que forma o conhecimento coletivo. Ele afirma que

*os construtivistas acreditam que também as ideias têm características estruturais. Em primeiro lugar, as ideias – entendidas mais genericamente como conhecimento coletivo institucionalizado em práticas – são o meio propulsor da ação social; definem os limites do que é cognitivamente possível ou impossível para os indivíduos. (ADLER, 1999, p. 206).*

De acordo com os construtivistas, o conhecimento é uma das maiores fontes de poder, pois nele se

“integra o conhecimento e o poder como partes de uma explicação de onde surgem os interesses” (ADLER, 1999, p. 224). Se a construção das ideias antecede os interesses nacionais, o impacto na estrutura é maior.

Antes de prosseguir com o conceito da identidade coletiva, precisamos diferenciá-lo do conceito de identidade pessoal. De acordo com Wendt, a identidade pessoal se constrói a partir das características próprias dos indivíduos, que não dependem dos outros atores para existir. Já a identidade coletiva significa que um ator define o bem-estar do Outro como se fosse parte do bem-estar dele próprio, em uma relação altruísta. Essa identificação com o grupo cultiva nos atores um interesse de preservar a sua cultura. O bem-estar do grupo se transforma no objetivo final dos seus membros. E sem dúvida, uma mudança na estrutura causa uma mudança da identidade coletiva. (WENDT, 1999, p.337).

Quando os Estados desenvolvem uma identidade coletiva, acaba por torná-la uma base para os interesses comuns. O processo de sua construção é importante para entender a amplitude de seu impacto na política internacional. Sendo “produtos de processos relacionais, sujeitas a mudanças” (NOGUEIRA, 2005, p.176), as identidades coletivas podem modificar o funcionamento do Sistema Internacional.

A ideia de que as nações são comunidades “imaginadas”, e não orgânicas, foi abraçada pelos críticos do nacionalismo. As abordagens “construtivistas” ao nacionalismo consideram que a identidade nacional é, em grande medida, uma construção ideológica, que em geral serve aos interesses de grupos poderosos. O historiador marxista Eric Hobsbawm, por exemplo, afirmou que as tradições nacionais são invenções. Segundo o autor,

*Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (1997, p.9).*

A partir da constatação de que as tradições são muitas vezes inventadas, podemos questionar a maneira como as nações constroem a sua legitimidade perante o mundo.

A crença na continuidade histórica e na pureza cultural é invariavelmente um mito e, mais que isso, um mito criado também pelo próprio nacionalismo. Nessa perspectiva, o nacionalismo cria as nações, e não o contrário. Por exemplo, uma consciência disseminada de nacionalidade só veio a se formar no

final do século XIX, talvez moldada pela invenção dos hinos e bandeiras nacionais e pela extensão da educação fundamental e, assim, pela alfabetização das massas.

Mais um historiador defendeu a ideia de que o nacionalismo é um artefato criado no final do séc. XVIII, escrevendo o livro “Comunidades Imaginadas”. Para definir o nacionalismo, Benedict Anderson (2008) usa o termo “comunidade” e afirma que as nações representam “comunidades políticas imaginadas”, porque seus membros nunca conhecerão todos os demais; na mente de cada indivíduo reside uma imagem da comunidade da qual participam. Para ele, as nações existem mais como imagens mentais do que comunidades genuínas, que requerem um nível de interação face a face para sustentar a noção de identidade comum.

Segundo Anderson (2008), nas nações, os indivíduos só conhecem uma parte pequena daqueles com quem compartilham uma identidade nacional. Elas existem apenas como artifícios imaginados, construídos por nós por meio da educação, da mídia e de um processo de socialização política.

Todavia, as nações socialmente construídas pouco tempo atrás, na escala histórica, tornaram-se atualmente os valores universais mais valiosos na vida política. Segundo Anderson, os membros de uma nação compartilham as características de uma comunidade

(como camaradagem, lealdade e dever) e formam uma união horizontal profunda, que os incentiva a proteger seus valores construídos.

Uma perspectiva mais radical foi expressa por Ernest André Gellner. Suas conclusões são surpreendentes. Para Gellner, o nacionalismo é um acontecimento específico da sociedade moderna que inventa uma nação, e não ao contrário. A nação é um produto do nacionalismo, que está vinculado fortemente à modernização e industrialização. (GELLNER, 2006, p.64). As sociedades industriais promovem a mobilidade social, o esforço próprio e a competição, e desse modo exigam uma nova fonte de coesão cultural, a qual foi fornecida pelo nacionalismo. Embora a teoria de Gellner afirme que as nações tenham se formado em reação a determinadas condições sociais, também sugere que a comunidade nacional é duradoura e tem raízes profundas. (HEYWOOD, 2010, p.157).

A visão do inglês Anthony D. Smith é um pouco menos radical na perspectiva construtivista. Ele disse que embora as nações são um produto da modernidade, suas raízes começam nas comunidades pré-modernas. O nacionalismo, segundo Smith, não exige a igualdade dos membros de uma nação, mas a existência de sentimento intenso do vínculo de solidariedade entre eles. Ele acredita que o sentimento de nacionalismo pode ser produzido a partir de qualquer ideologia dominante existente em uma determinada localidade,

e que os nacionalistas têm um papel vital na construção de uma nação, usando a relação entre seu passado e seu presente, onde reside “o segredo da energia explosiva da nação”. Para os nacionalistas, o papel do passado é claro. Eles simplesmente precisam lembrar para seus compatriotas de seu passado glorioso, para que eles possam recriar e reviver as glórias. (SMITH, 1994, p.18-19).

A perspectiva construtivista é utilizada em seus diversos trabalhos sobre o nacionalismo e construção de uma nação. Uma nova visão vem sendo moldada sob a ótica da teoria construtivista, que leva em consideração as novas mudanças e tendências nas relações internacionais, que redefinem as identidades e interesses dos atores. O construtivismo ajuda a compreender e explicar a existência do nacionalismo e seu papel nas relações entre Nações.

## **Duas abordagens principais do nacionalismo**

As duas abordagens mencionadas neste trabalho têm pontos de vista diferentes sobre o nacionalismo como ideologia.

Existem várias definições de nacionalismo, podendo ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo enfoca o lado emocional do nacionalismo. Já o segundo,

analisa o nacionalismo como ideologia e política das respectivas classes (sobretudo, da burguesia) e inclui as pesquisas dos representantes principalmente da escola marxista. (SIDORINA, 2006, p.180).

Primeiro grupo - Nos trabalhos de cientistas americanos da metade do século XX (como H. Kohn, F. Norton, W. Ebenstein, etc.) observa-se um elogio ao espírito de tolerância, liberdade e compromisso, considerado como uma característica típica do nacionalismo anglo-saxão ou americano.

Boyd Shafer define o nacionalismo como “a lealdade de grupo”, propondo os atributos básicos do nacionalismo entre quais são: um certo território habitado por um povo, que se chama de uma nação, tem uma cultura comum e é capaz de se comunicar livremente entre si; o amor pela terra comum, a língua e a cultura histórica; uma atitude mais respeitosa com aqueles que fazem parte da sua nação e os sentimentos hostis para os outros. (POZDNIAKOV, 1994, p.41).

Carlton Hayes, o “pai” dos estudos americanos sobre o nacionalismo, defende o ponto de vista de que o nacionalismo é uma espécie de religião: uma moderna fusão emocional de dois fenômenos antigos: a identidade nacional e o patriotismo. (GELLNER, 2006, p.xvii).

Hans Kohn, o historiador alemão, definiu o nacionalismo como “um estado de espírito”, um

“ato de consciência” da maioria de qualquer nação, reconhecendo o “estado nacional como forma ideal de organização do povo”. Para Kohn, o nacionalismo inclui a crença de que uma pessoa deve ter uma “lealdade superior” ao seu povo. (GANS, 2003).

O pesquisador russo Victor Stroganov (1997) compartilha a compreensão do nacionalismo como um sentimento patriótico. Ele observa que especificamente esse tipo de nacionalismo permeia toda história do Estado russo.

Sem dúvida, uma das principais características do nacionalismo é a força de seu apelo afetivo ou emocional, mas entendê-lo apenas nesses termos significa confundir a ideologia do nacionalismo com o sentimento de patriotismo.

E se o nacionalismo é idêntico ao patriotismo, ele é comum para todas as épocas e todos os povos, e condená-lo equivaleria criticar outros sentimentos inatos. Mas não podemos deixar de concordar com Stroganov (1997, p.25) quando afirma que o nacionalismo é um fenômeno social que influencia a criação, desenvolvimento e vida social nas nações. Assim, é possível concluir que o nacionalismo não se limita ao simples sentimento patriótico. Segundo Ibsen Jose Casas Noronha e Ronald Becca (2003, p.30), “o nacionalismo tem um sentido de exclusividade, de xenofobia”, já “o patriotismo dá mais ênfase à ideia

de amor à própria pátria”.

Na ótica de Andrew Heywood,

*O nacionalismo possui um caráter doutrinário e inclui a crença de que a nação é de algum modo o princípio central da organização política. O patriotismo proporciona a base afetiva para tal crença e, desse modo, sustenta todas as formas de nacionalismo. É difícil conceber um grupo nacional que exige, por exemplo, independência política sem possuir ao menos certo grau de lealdade patriótica ou consciência nacional. Porém, nem todos os patriotas são nacionalistas. Nem todos aqueles que se identificam com a nação, ou mesmo a amam, vêem-na como um meio de articular demandas políticas. (2010, p.161).*

O patriotismo (o pesquisador James G. Kellas o chama de “nacionalismo oficial”) é usado por Estados para combater nacionalismo “étnico” (a forma de nacionalismo que se alimenta, sobretudo de um senso aguçado de singularidade étnica e do desejo de preservá-la); ou por nacionalistas que procuram a desmembrar o Estado. Segundo Kellas (1998, p. 218), este tipo de apelo é especialmente efetivo nas relações internacionais, e pode divergir atenção dos outros nacionalismos dentro do Estado.

Segundo grupo - Nacionalismo apresentado pelas visões marxistas. Para eles, a questão do nacionalismo (assim como outros problemas sociais) está relacionada à luta de classes, que constrói a

força principal do desenvolvimento social. Nessa abordagem, o nacionalismo é considerado uma ideologia e política da classe burguesa no campo das relações nacionais.

Na sua pesquisa, Leonardo Lima Vasconcelos Cameiro apresenta vários exemplos que ajudam a entender o ponto de vista de marxistas sobre o nacionalismo. Para eles, o nacionalismo é uma ideologia e política burguesa da questão nacional que se opõe ao internacionalismo proletário. A base do nacionalismo é a ideia de superioridade e exclusividade nacional. (CAMEIRO, 2006, p.49-51).

O Marxismo adotou uma forma de internacionalismo proletário, apoiada na ideia de que a solidariedade de classe é mais poderosa e politicamente significativa do que a identidade nacional. Marx acreditava que “ao reconhecer a irmandade de todos os proletários, transcenderia o que Engels chamava de “egoísmo nacional”, e que a solidariedade proletária ultrapassaria barreiras nacionais. Já os nacionalismos burgueses são entendidos como as construções ideológicas com as quais a burguesia tende a esconder, disfarçar, e ou justificar a dominação de classe. Eles “ocultam as contradições nas quais se baseiam o capitalismo e todas as outras sociedades de classes” e encorajam “as pessoas a negar sua condução humana comum”. (HEYWOOD, 2010, p. 175-176).



Uma característica principal deste grupo de definições é que eles enfatizam a superioridade e exclusividade nacional, o que reduz o nacionalismo a uma forma extrema de expressão, observada nas ideias fascistas do nazismo. É importante notar que a maioria das formas históricas do nazismo no passado e no presente nem sempre é associada à ideia de superioridade étnica. Quando isso acontece, nós falamos do racismo, que é um conjunto de conceitos pseudocientíficos que se baseiam nas afirmações de que existem as raças humanas superiores física e psicologicamente que são criadas para governar, e as raças inferiores, que não são capazes nem compreender a cultura erudita e são condenados à exploração pelas primeiras. (DANILENKO, 2009).

## Tipologia do Nacionalismo

Devido à importância do fenômeno do nacionalismo nas Relações Internacionais, seu estudo atraiu um grande número dos pesquisadores, cujos trabalhos se basearam nas análises do nacionalismo em países específicos. Como o nacionalismo sofre constantes transformações no seu desenvolvimento de acordo com mudanças históricas dos países estudados, suas variações são diversas.

Assim, os estudiosos do nacionalismo oferecem várias tipologias do nacionalismo. Mas como o nosso foco é o nacionalismo russo, usaremos a tipologia que consideramos a mais adequada para o estudo. O pesquisador russo E. A. Pozdnyakov (1994, p.56) levou em conta as particularidades históricas da Rússia e formulou sua tipologia do nacionalismo que define os seguintes tipos:

1. Nacionalismo étnico: nacionalismo dos povos, que lutam pela sua libertação nacional e construção de seu Estado (separatismo) ou pela sua autonomia dentro do Estado (regionalismo);
2. Nacionalismo do Estado-potência: nacionalismo estatal dos povos unidos num Estado nacional (nações) que visam a implementar seus interesses nacionais. Não são raras as situações em que as grandes nações desempenham o papel dos opressores das pequenas nações, dentro e fora do Estado. Esse tipo do nacionalismo geralmente entra em conflito com o nacionalismo étnico;
3. Nacionalismo de “dia-a-dia” (ou *Bitovoy*): representa uma expressão de sentimentos nacionalistas no nível individual ou dos grupos sociais pequenos. Ele é normalmente expresso em hostilidade xenófoba contra estrangeiros e membros de outros grupos étnicos. Sua ligação com a ideologia política nem sempre é de natureza direta e aberta, mas, mesmo

assim, ele existe. O nacionalismo de “dia-a-dia” é uma ferramenta importante dos dois primeiros tipos do nacionalismo, que o usam para atingir seus objetivos.

Resumindo, podemos afirmar que o nacionalismo não existe sem a união forte da política e ideologia. Sem uma delas, observamos certo carinho para o seu povo ou a devoção à pátria, que não possuem a força suficiente potente. Mas se adicionar a ideologia adequada e política, encontramos o nacionalismo, que pode acender inimizade, ódio e conflito ou, ao contrário, pode resultar em aproximação com outros povos ou países.

## Nacionalismo na Rússia nos anos 1990

No final do século XX, depois da desintegração da União Soviética, que aproximadamente por quatro décadas foi uma das duas superpotências globais, o nascimento da nova Rússia provocou a reestruturação da ordem mundial. Os países recém-nascidos que

saíram da URSS também enfrentaram a nova fase da sua evolução.

Perdendo uma rede das alianças como Pacto de Varsóvia<sup>1</sup>, Conselho de Ajuda Mútua Econômica (ou COMECON)<sup>2</sup>, além dos tratados bilaterais de amizade e cooperação com antigos aliados, a Rússia enfrentou uma reestruturação radical em suas estratégias, ficando grande parte indeterminada ou simplesmente abandonada pelo seu governo. Retraído geograficamente, o país deparou-se com a necessidade de construir um novo norte para sua evolução, e assim entrar em sintonia com as novas realidades internacionais. (ZHEBIT, 2003).

A discussão sobre o papel e lugar da Rússia nas Relações Internacionais veio à tona nos anos 1990. As três ideologias distintas - a Ocidentalista, a Estatista, e a Civilizacional – mostraram-se em constante conflito. Eles basearam sua classificação nas ideias do Martin Wight, que diferenciava três conceitos (Realismo, Racionalismo e Revolucionismo)<sup>3</sup>.

Os seguidores da ideologia Ocidentalista (passaremos a chamá-los Ocidentalistas) enxergam a Europa como

1 O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela União Soviética. A crise na URSS levou a extinção do Pacto em 1991. O fim do Pacto de Varsóvia representou, também, o fim da Guerra Fria.

2 COMECON (Council for Mutual Economic Assistance) foi fundado em 1949, e visava a integração econômica das nações do Leste Europeu. Esta organização extinguiu-se em 1991.

3 Segundo M. Wight, os realistas se concentram na anarquia e controle internacionais, os racionalistas - nas interações internacionais como uma força civilizadora na política mundial, e os revolucionários - em várias transformações do sistema internacional. (TSYGANKOV, 2010, p. 668).

a civilização mais viável e progressista do mundo, por isso a Rússia, devido a sua semelhança notável com os países europeus, tem que seguir os passos do Ocidente. Pelo menos desde Pedro, o Grande (1672-1725), o Ocidente desempenhou um papel particularmente importante na formação da Rússia. Os Ocidentalistas dentro do sistema soviético viam a Rússia como um país que estava perto das ideias social-democratas dos países europeus. Finalmente, os ocidentalistas liberais do período pós-soviético defendiam a afinidade “natural” do seu país com o Ocidente na base dos valores compartilhados, tais como a democracia, direitos humanos, e um mercado livre. (TSYGANKOV, 2010, p. 669).

Os seguidores da ideologia Estatista (os Estatistas) veem a Rússia como um Estado forte e independente, enfatizando a capacidade do Estado para regular e preservar a ordem social e política. Eles introduziram a noção de ameaça externa como noção fundamental para a segurança da Rússia. Dependendo da situação, essa ameaça vinha de qualquer direção: oriental ou ocidental. Os Estatistas buscam o reconhecimento do Ocidente, pondo a ênfase nas capacidades econômicas e militares da Rússia. (TSYGANKOV, 2010, p. 670).

Finalmente, os Civilizacionistas (os defensores da ideologia Civilizacional) descrevem a Rússia e seus valores como “diferentes do Ocidente”. Eles frequentemente visualizam a Rússia como uma civilização com sua “missão” no mundo, que consiste em difusão de valores russos no mundo. Existe mais uma linha de pensamento civilizacional (Eurasianismo) que vê a Rússia como uma unidade orgânica distinta de culturas europeias e asiáticas. (TSYGANKOV, 2010, p. 671).

As três ideologias tiveram um impacto significativo não somente na formação das ideias nacionalistas, mas também de certo modo guiaram o desenvolvimento das políticas do novo Estado. Ocupando uma região historicamente disputadíssima – a “ilha mundial” (ou *heartland*)<sup>4</sup>, a Rússia teria todo potencial para reconquistar o lugar de uma grande potência global, estimulando os grandes atores da ordem mundial “a tentar envolver a Rússia em esquemas ou de cooperação ou de rivalidade estratégica, política, econômica e comercial”. (ZHEBIT, 2003). Essa posição privilegiada entre a Europa e Ásia deveria ser aproveitada para o crescimento e desenvolvimento do país.

O objetivo do governo russo atual é fortalecer o Estado e solidificar a posição da Rússia nas relações

4 Este termo principal da teoria do Halford Mackinder foi amplamente usado pelos nacionalistas russos que seguiam a linha de pensamento civilizacional (Eurasianismo) que considerava a Rússia como uma unidade orgânica distinta de culturas europeias e asiáticas. (KEARNS, 2009, p.6).

internacionais, criando um contrabalanço à posição central dos Estados Unidos da América no sistema internacional. Para atingir esse objetivo, ainda há um longo caminho a percorrer. Segundo Alexander Zhebit (ZHEBIT, 2003),

*A Rússia precisa moderar suas aspirações a um pólo autônomo num mundo multipolar, que estaria alicerçado no seu papel central na Eurásia. Em primeiro lugar, ela será temida como uma potência hegemônica, tanto pelo Ocidente, como pelo Oriente. Em segundo lugar, ela deverá sacrificar sua aproximação com os dois ao mesmo tempo, se armando num pólo estratégico autônomo, voltando a glorificar o fantasma de uma superpotência. Em terceiro lugar, o sonho de prosperidade para seu povo poderá ser esquecido.*

A década de 1990 foi marcada pelo conjunto de fatores internos, como o encolhimento drástico de economia, a estratificação social, a migração descontrolada, o crescimento de criminalidade e a diluição de valores espirituais. Estes fatores desfavoráveis contribuíram para aumento de tensão entre o poder federal e as regiões, promovendo os sentimentos nacionalistas na Rússia.

O resultado da abertura econômica introduzida pelo governo do Yeltsin foi desastroso. Os nacionalistas chamaram as empresas estrangeiras de “invasores”, que “aproveitaram a fraqueza temporária da Rússia para promover seus interesses”. Segundo a sua lógica,

as corporações transnacionais “destruíram a carcaça” do Estado soviético e o NATO “rastejou” para perto das fronteiras da Rússia. (ALVES, 2008).

A instabilidade política e econômica fortaleceu o nacionalismo nos anos 1990. Além disso, o colapso da URSS causou uma mudança de foco de identidade, que foi drasticamente danificada, deixando um vazio espiritual. Havia uma necessidade de criar novos laços sociais sobre outras bases: o nacionalismo substituiu o comunismo. Durante décadas, a ideologia soviética nutriu a ideia de que a Rússia foi cercada por inimigos. Com a desintegração da União Soviética e a perda da estabilidade econômica e social, os estrangeiros e as minorias étnicas se tornaram os alvos fáceis de ódio.

Os nacionalistas russos estavam em busca do status de potência da Rússia no antigo bloco soviético que foi destruído após o colapso da URSS. Era necessário construir novos modelos mentais compartilhados. Segundo Wendt, estas crenças de atores sobre as estratégias e preferências não precisam ser verdadeiras, mas “ser consideradas verdadeiras”. (WENDT, 1999). Os interesses nacionais da nova Rússia incluíam a sobrevivência física ameaçada pelo separatismo regional, o bem-estar econômico e a autoestima coletiva. Precisava-se construir a nova identidade para a Rússia sem o bloco socialista. As novas crenças

compartilhadas iam constituir uma nova cultura que daria um novo significado à identidade do país.

A insegurança sobre o seu futuro, a crise de identidade e o ressentimento sobre a perda do poder do país na arena mundial serviram como catalisadores do levantamento do nacionalismo na Rússia nos anos 1990. As políticas dos países ocidentais e o avanço da globalização pioraram a situação. Apoiadas no final dos anos 80, as ideias da implementação dos elementos culturais e jurídicos do sistema de governo do Ocidente, não se mostraram adequadas para a realidade russa.

De acordo com João Marques de Almeida, nos anos 1990 os debates políticos na Rússia e os discursos políticos dos seus governantes eram “dominados pela linguagem do nacionalismo, com referências ao excepcionalismo russo, à identidade eslava, ao papel unificador e redentor do cristianismo ortodoxo e ao lugar central da Rússia na Europa e no mundo”. (ALMEIDA, 2008, p.25).

Os nacionalistas discursavam sobre a ameaça de perda de identidade russa e a necessidade de se proteger contra o avanço da cultura imperialista. O vácuo deixado pelo colapso da URSS levantou tanto sentimentos patrióticos, quanto sentimentos nacionalistas agressivos. Alguns grupos usaram o patriotismo como um meio de ganhar sua autonomia através da participação direta na vida da Nação e

procuraram um isolamento temporário do país abalado para resgatar os valores morais. Já os nacionalistas radicais, difundiam medo e ódio de tudo estrangeiro no país.

## Skinheads

Os primeiros skinheads se originaram em Londres nos anos 60 do século XX, mas já no começo dos anos 80 o movimento se espalhou pela Europa e chegou à Austrália e América do Sul e chegou à Rússia, ganhando a sua força nos anos 1990, principalmente nas cidades como Moscou, Sant Petersburgo, Rostov, Volgograd (BELIKOV, 2001).

Segundo Michail Sokolov, o dia 20 de abril de 1995 pode ser considerado como o dia do aparecimento do novo ator da extrema-direita na Rússia – a subcultura dos *skinheads*. Naquele dia em São Petersburgo um grupo dos skinheads atacou um jovem de Azerbaijão. O incidente foi amplamente discutido na imprensa regional, os culpados acabaram sendo presos. No entanto, três anos depois novos ataques foram registrados diariamente com frequência. (SOKOLOV, 2002).

A partir de meados da década de 90, o número total de *skinheads* atingiu mais de 1000 pessoas, cuja ideologia tornou-se um fenômeno notável no

mundo do extremismo político da direita russa. Entre 1994 e 1998 houve um salto gigante em termos de tamanho e organização entre os *skinheads*. Seu número total aumentou drasticamente. É muito difícil falar sobre os números exatos dos grupos dos *skinheads*, pois 99% deles são compostos por 3-5 pessoas, e muitas vezes a mesma pessoa fazia parte simultaneamente de mais de uma organização.

De acordo com os dados do Secretariado dos Direitos Humanos de Moscou, a organização não-governamental, que realiza o acompanhamento de matérias de violação dos direitos humanos na Rússia, podemos visualizar o crescimento constante de número dos *skinheads* na Federação Russa durante as últimas duas décadas. (MOSKOVSKOE buro pó pravam cheloveka, 2011). Veja a tabela abaixo.

TABELA 1

Ano	1997	2001	2003	2005	2010
Quantidade (pessoas)	10 mil	15 mil	50 mil	60 mil	70 mil

Assim, o fenômeno dos *skinheads* apareceu, se fortaleceu e cresceu em uma escala alarmante. Em grande medida, ele foi alimentado por sentimentos contra as pessoas do Cáucaso causados pelos crimes

cometidos por chechenos nas cidades russas<sup>5</sup> e pela guerra na Chechenia. Mas segundo Alexander Brod do Secretariado dos Direitos Humanos de Moscou, outra razão de desenvolvimento do movimento é a ausência de leis contra extremismo na Rússia. (NADEZHINA, 2007). E sem dúvida, não existem instituições fortes que podem impedir a violência racista dos *skinheads* na Rússia no momento.

No começo, a maioria deles eram adolescentes e jovens de 15 a 25 anos, sem educação universitária, com salários baixos ou desempregados. Tipicamente eles saíram dos subúrbios da classe trabalhadora, onde desemprego era alto e a vida parecia a ser muito chata, por isso os jovens saíam para o centro das cidades em busca de emoções mais fortes. Mas, ultimamente, os jovens de nível social mais alto estão juntando aos grupos. O ódio racista serve, sobretudo, como uma desculpa para dar vazão para os ressentimentos profundos. (LAWTON, 2004, p.123).

Os *skinheads* representam um movimento político-cultural internacional dos jovens brancos que seguem uma ideologia racista e nazista cruel. Chamados desta forma devido ao corte de cabelo muito curto ou rapado (há algumas exceções), um estilo particular de se vestir (que costuma incluir botas e/ou

5 Em 1999, mais de 300 pessoas morreram após as explosões (supostamente organizadas pelos terroristas chechenos) de três prédios em quatro cidades russas.

suspensórios), tatuagens. Eles odeiam não-brancos, judeus, homossexuais e os estrangeiros. (SHENFIELD, 2001, p.81).

É importante notar que o movimento dos *skinheads* na Rússia tem uma característica especial: ele não tem um líder. Existe uma hierarquia, há grupos, mas não existe um líder nacional. Este fato tem uma vantagem e uma desvantagem. A vantagem esta na sua força, pois existem muitos, e a fraqueza esta na ausência de poder político. Mesmo em suas manifestações mais politizadas o movimento dos skinheads não pode ser chamado político. Ele é considerado uma subcultura, um grupo de estilo de uma gangue, de torcedores de futebol, mas não representam uma força política. Os nacionalistas ultrarradicais estão tentando atrair os skinheads e incluí-los aos seus partidos políticos. O número crescente dos membros dos grupos dos skinheads aumentaria suas forças significativamente.

A ideia principal do movimento dos *skinheads* é a supremacia da nacionalidade russa. Eles colocam os costumes e tradições russas acima de tudo. Ao skinheads protestam contra a uma onda “descontrolada” de imigrantes não-russos ilegais que entram na Rússia depois do fim da União Soviética. Na opinião deles, os imigrantes roubam os empregos dos russos. Além disso, os *skinheads* protestam contra o uso, por

peças não-russas, dos meios de proteção social, tais como a educação gratuita e cuidados de saúde gratuitos, segurança social e pensões. Eles são contra não somente os casamentos internacionais ou entre pessoas pertencentes a raças diferentes, mas também contra os casamentos entre as pessoas de nacionalidades diferentes dentro da Rússia.

Na Rússia, os *skinheads* não se comportavam e não se comportam igual a outros movimentos da juventude não-formais. O movimento dos *skinheads* russos sempre é muito duro e agressivo, constantemente procurando arranjar brigas, conflitos, confrontos e atos ilícitos praticados com base em ideias racistas e da ideologia neonazista. Qualquer pessoa não-russa, ou seja, de aparência não-eslava pode sofrer agressões dos *skinheads*.

De acordo com a tipologia do nacionalismo russo do E. A. Pozdnyakov, o movimento dos skinheads é o nacionalismo de “dia-a-dia”. Sua ideologia se baseava em forma extrema de racismo, que se manifestava em uma expressão de ódio e hostilidade contra os não-brancos. Os *skinheads* mostram a intolerância extrema em relação às pessoas não-russas que vivem na mesma sociedade, e nem tentam compreender as tradições e costumes de outras nacionalidades. Eles preenchem o vazio espiritual deixando apos o colapso do regime comunista com sentimentos de ódio contra

outras etnias e desenvolvem a ideologia da supremacia branca. Seus atos de violência danificam seriamente a construção da sociedade civil na Rússia.

Os skinheads declaram que eles cometem os crimes para limpar o país dos não-brancos que não tem o direito de viver na Rússia. Desse jeito eles demonstram seu amor pela pátria, seguindo a linha do pensamento civilizacional, vendo a Rússia como um país único, diferente dos outros. Mas não podemos nivelar o chauvinismo de dia-a-dia ao patriotismo. Quem ama seu país, ama seu povo também qualquer que seja a cor da pele do cidadão. E os *skinheads* atacam as pessoas nascidas e crescidas na Rússia, os cidadãos russos, os membros da sociedade russa. Eles não conseguem entender que a peculiaridade da Rússia, que historicamente foi formada pelos vários povos que se misturavam ao longo da história.

O movimento não luta pelo poder e não tem nenhuma estrutura política. Mas isso não significa que não é perigoso. Os *skinheads* alimentam o sentimento chauvinista e racista entre os jovens, criando uma atmosfera de medo e intolerância.

Apesar de aumento dos ataques dos *skinheads*, o governo recusa a reconhecer o aumento da violência baseada no racismo. Em maioria dos casos, os criminosos ficam sem punição ou a polícia nem começa

uma investigação contra eles. Além disso, muitos policiais não somente simpatizam as ideias dos *skinheads*, mas abertamente apóiam seus atos de violência. (LEONARD, 2003, p.6).

Até recentemente, as autoridades nem levavam a sério as atividades dos grupos dos jovens extremistas. O caráter contagiante do movimento consegue atrair cada vez mais jovens. A explosão dos *skinheads* nas cidades grandes da Rússia paralisou o governo que atualmente não consegue mais controlar ou combater o movimento cada vez mais agressivo. A tolerância do governo ajuda construir uma sociedade onde as idéias radicais nacionalistas penetram as camadas sociais com uma força destrutível e incontrolável.

Apesar da declaração do governo russo sobre a intolerância de manifestações de nacionalismo em qualquer forma, as autoridades federais não tomam as medidas suficientes para prevenir as agressões contra as minorias. A sociedade sem nacionalismo radical pode ser construída através da política adequada do governo. As agressões baseadas na xenofobia devem ser condenadas pelas autoridades. A propaganda nacionalista radical deve ser banida e proibida em todos os lugares. A Rússia deve desenvolver uma cooperação com agências regionais e internacionais para combater racismo,



xenofobia, discriminação e intolerância, e expandir o uso dos mecanismos dos direitos humanitários internacionais. É crucial introduzir os programas educacionais com foco em esclarecimento dos perigos do racismo, nacionalismo radical e xenofobia. A construção da atitude de respeito em relação à diversidade cultural pelos políticos, juízes, policiais e outras autoridades em geral é essencial em combate aos grupos radicais como dos skinheads. (LEONARD, 2003, p.23).

O poder da mídia na construção do nacionalismo é indiscutível. Segundo Robert Entman, a mídia nacional participa em dois processos de construção de identidade nacional. Primeiramente, contando os mitos nacionais (especialmente em tempos de crise ou uma mudança social) para unir mais os membros de uma nação enfatizando as semelhanças entre eles. O segundo processo acontece em situações quando a mídia reforça as oposições relacionais de “nós” e os “outros”, promovendo a ideia da supremacia de uma nação. (ENTMAN, 1994). Em conflitos étnicos, o papel da mídia já foi destrutivo e nocivo, criando um ambiente de ódio étnico e a xenofobia. Por exemplo, as visões nacionalistas radicais dos jornalistas do rádio RTL (o rádio Hutu / estação de TV em Ruanda) provocaram um dos piores massacres do mundo na última década do

século passado, transmitindo mensagens em que os tutsis foram ridicularizados e retratados como algo desprezível. A mídia tem que evitar a construção do inimigo e reforço dos estereótipos nacionais.

## Conclusão

Nos anos 1990, os nacionalistas russos questionavam as decisões do governo, apelavam para a força indestrutível da Rússia e do povo russo. O nacionalismo foi usado tanto como força positiva para fortalecer a união política, econômica e moral dos cidadãos dentro do Estado, quanto como força negativa. Os nacionalistas radicais basearam suas ações na xenofobia exacerbada e no fanatismo ideológico. As idéias da superioridade nacional e a agressividade cega contra as pessoas não-russas eram destrutivas e perigosas para a Nação e o Estado.

A realidade é socialmente construída e, assim como alguns grupos adotam a xenofobia como base para sua política, é possível adotar outras perspectivas que enfrentem os problemas sociais sem se basear no ódio, na exclusão etc. O nacionalismo pode ser uma ideologia pacífica. O orgulho pela sua Nação e sua pátria cultivado pelos nacionalistas no governo é importante para promover o progresso e o crescimento do país. Uma nação patriótica

é uma nação confiante livre de ódio contra os estrangeiros.

Para prevenir o risco de inserção das ideias nacionalistas radicais empregadas pelos skinheads, é necessário fazer trabalhos pedagógicos de conscientização das pessoas sobre os efeitos negativos do nacionalismo agressivo, investindo na educação da população.

Concluindo, devemos insistir na ideia de que a resolução dos problemas relacionados aos conflitos étnicos tanto no âmbito nacional quanto no internacional é possível. A negligência das questões nacionalistas não deve acontecer. Sem dúvida, as pessoas de diferentes nacionalidades podem conviver em paz e nenhuma nação pode se colocar acima de outra.

## Referências

- ADLER Emanuel. O Construtivismo no estudo das relações internacionais. *Lua Nova*. 1999, São Paulo, n. 47, p. 201-247.
- ALMEIDA, João Marques de. A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia o fim do paradigma do “pós-Guerra Fria”. *Scientific Electronic Library Online, Relações Internacionais*, n. 20, pp. 17-29, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a02.pdf>. Acesso em: 13 maio 2011.
- ALVES, Fábio S. O retorno da Rússia. 2008. Disponível em: <http://dialogodiplomatico.blogspot.com/2008/01/o-retorno-da-russia.html>. Acesso em: 13 maio 2011.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BELIKOV, Sergei. *Britogolovie*. 2001. Disponível em: <http://rusrepublic.ru/nnpr1/books/skin.htm>. Acesso em: 22 março 2011.
- CAMEIRO, Leonardo Lima Vasconcelos. *O ideário político do MST: marxismo e nacionalismo*. 2006. 60 p. Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais - Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: [http://www.nacionalidades.ufc.br/textos/Leonardo%20Vasconcelos\\_O%20IDEARIO%20POLITICO%20DO%20MST%20-%20marxismo%20e%20nacionalismo.pdf](http://www.nacionalidades.ufc.br/textos/Leonardo%20Vasconcelos_O%20IDEARIO%20POLITICO%20DO%20MST%20-%20marxismo%20e%20nacionalismo.pdf). Acesso em: 07 set. 2010.
- DANILENKO, V.P. *Involuzia v nranstvenosti: animalizim v sozjal-darvinizme, pragmatizme i evgenizme*. 2009. Disponível em: <http://ethnocid.netda.ru/analitika/danilenko.htm>. Acesso em: 11 out. 2010.
- ENTMAN, R. M. Framing USA Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of Communication*, 1991, Volume 41, Issue (4), pp. 6-27. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1991.tb02328.x/abstract>. Acesso em: 16 abril 2011.
- GANS, Claim. *The limits of nationalism*. Cambridge University Press, 2003, p. 1-26. Disponível em: [catdir.loc.gov/catdir/samples/cam033/2002031060.pdf](http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam033/2002031060.pdf). Acesso em: 11 out. 2010.
- GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006.
- HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo*. São Paulo: Ática, 2010.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997. p. 9-23.

- KEARNS, Gerard. *Geopolitics and empire: the legacy of Halford Mackinder*. New York: Oxford University Press Inc. 2009.
- KELLAS, James G. *The politics of nationalism and ethnicity*. London: Palgrave Macmillan, 1998.
- LAWTON, Anna M. *Imaging Russia 2000: film and facts*. Washington: New Academia Publishing, 2004.
- LEONARD, Barry. *Intolerance in Contemporary Russia*. Washington: Briefing of the Commission on Security and Cooperation in Europe, 2003.
- NOGUEIRA, João Pontes. *Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, 250 p.
- MOSKOVSKOE buro po pravam cheloveka, 2011. Disponível em: <http://antirasizm.ru/> Acesso em: 29 maio 2011.
- NADEZHINA, Sasha. *Racist Attacks Threaten Multiculturalism in Russia*. 2007. Disponível em: <http://abcnews.go.com/International/story?id=3596145&page=3>. Acesso em 29 maio 2011.
- POZDNIakov, E.A. *Nazia. Nazionalizm. Nazionalnie interesi*. Moskva, 1994. p.41.
- SHENFIELD, Stephen. *Russian fascism: traditions, tendencies, movements*. New York: M.E. Sharpe, 2001.
- SIDORINA, T.U. *Nazionalism: teoria i politicheskaia istoria*. Moskva: Izd.dom GU VSHE, 2006, 356 p.
- SMITH, Anthony D. *Nationalism: Theory, Ideology, History*. Cambridge, UK: Polity Press. 2010, p.66-95.
- SOKOLOV, Michail. *Padikalnoe nazionalisticheskoe dvizhenie v putinskoi Rossii: sovremennoe sostoianie I blizhaishie perspektivi*. 2002. Disponível em: <http://www.narcom.ru/publ/info/555>. Acesso em: 22 março 2011.
- STROGANOV, V.I. *Russkii nazionalizm, ego suchnost, istoria i zadachi*. Moskva, 1997. p.87.
- TSYGANKOV, Andrei P, TSYGANKOV, Pavel A. National ideology and IR theory: Three incarnations of the 'Russian idea'. *European Journal of International Relations* 16 (4), 2010. Disponível em: <http://ejt.sagepub.com/content/16/4/663>. Acesso em: 19 dez. 2010.
- WENDT, Alexander. *Social Theory of international politics*. Cambridge University Press, 1999.
- ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?. *Rev. bras. polít. int.* [online]. 2003, vol.46, n.1 [citado 2011-05-29], pp. 153-181 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 março 2011.